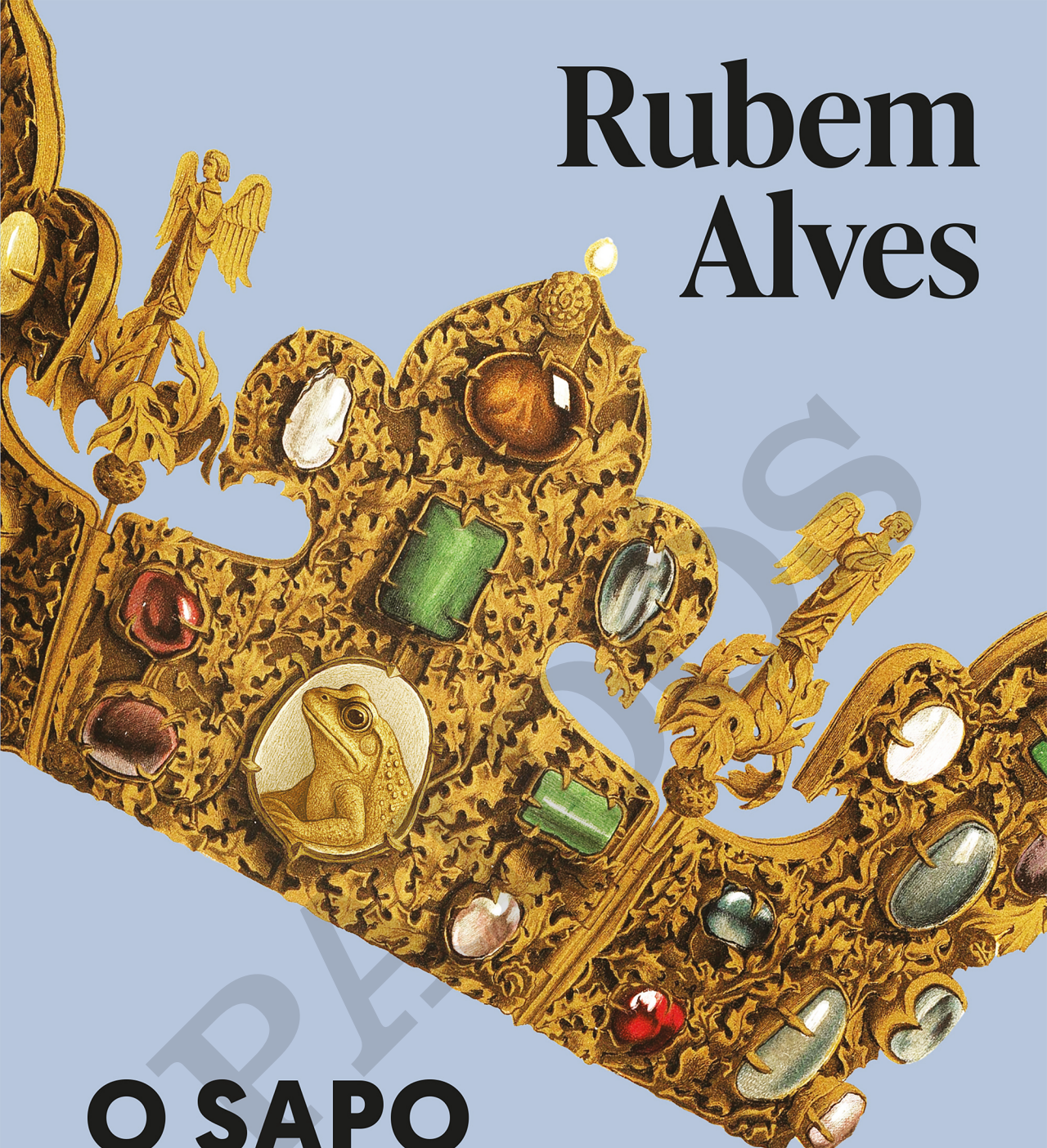




Rubem Alves

O SAPO QUE QUERIA SER PRÍNCIPE

Memórias de juventude

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rubem Alves

O SAPO QUE QUERIA SER PRÍNCIPE

Memórias de juventude

3ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rubem Alves, 2009

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2009, 2014, 2025

Todos os direitos reservados.

Revisão: Tulio Kawata e Wélida Muniz

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design

Ilustração de capa: *Crown with gems* (1859)/Rijksmuseum/Rawpixel

Ilustrações de miolo: Elivelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem

O sapo que queria ser príncipe / Rubem Alves. – 3. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

224 p.

ISBN 978-85-422-3853-2

1. Alves, Rubem, 1933-2014 - Infância e juventude 2. Escritores brasileiros – Biografia

I. Título

25-3920

CDD 928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Alves, Rubem, 1933-2014 - Infância e juventude



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo-SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

A viagem	9
A capital	13
Coincidência?	17
O fim da guerra	20
O ginásio	21
Os castigos	29
Alunos e alunas	31
Compaixão	33
Os frangos	35
Bullying	37
Você é ridículo	40
Uma grande felicidade	41
Narciso	44
O piano	56
A mulher que tinha um olho verde e o outro marrom	61
O Deus que gosta de ver as pessoas sofrerem	71
Viver é muito perigoso	75
Há de se ouvir o Evangelho à força	82
O medo	83
O horror e a beleza	86

O herói	88
Os beatos Vinicius e Chico	92
Variações sobre a inteligência	95
Os adolescentes e as religiões heroicas	101
O seminário	103
A vocação	106
Pastorado	141
Espiritualidade e beleza	153
O grito na noite	156
O defunto solitário	159
A menina que não desgrudava da mãe	160
Ganhei um castelo medieval	162
Ela preferia ficar na terra	164
Conselho de louco	167
O outro Rubem	171
O presbítero Malaquias	173
A traição	178
O enterro da perna	185
Estória que ele me contou	193
Um sermão	195
A jardineira	197
Eu nunca quis converter ninguém	199
O pregador	201
Nova York	205
No metrô, o medo me pegou	218

A VIAGEM

Sáímos de Minas com a promessa de meu pai de que iríamos morar no Rio de Janeiro, numa casa de campainha, chão de taco encerado e jardim. Estávamos a caminho...

A maria-fumaça resfolegava, apitava roucamente, não aguentava a subida, parava onde não era pra parar, precisava descansar para recuperar o fôlego, “foguista, bota lenha na fornalha que se a coisa para, a gente fica cara a cara”. O cara a cara não era ruim, pequenas estações fora do mundo que os mapas e o tempo desconheciam. Os relógios não tinham uso. Pra que marcar os segundos e os minutos? Era a passagem do trem que marcava o tempo, só havia dois tempos: o antes do trem e o depois do trem. Os homens tiravam do bolsinho da calça o relógio com corrente de ouro só pra avaliar os atrasos. Mas ninguém ficava bravo. Era assim mesmo, tempo de Minas, tempo que anda sem pressa... Parava para os que desciam e para os que subiam, e nas estações havia empadinhas, pastéis, pães de queijo, café doce e ralo que as mulheres dos maquinistas e foguistas faziam para fazer o tempo passar no cotidiano sempre igual e para ganhar um dinheirinho a mais. Minas Gerais, Rio Grande do Sul, tão longe. Mas as pequenas estações encurtavam as distâncias porque eram

iguais, cá e lá. Mario Quintana conta que “os viajantes solitários e os meninos ainda desciam nas estações pobres... para os pastéis, os sonhos, as laranjas...”. Tudo igual, mesma cultura que a maria-fumaça construiu...

Lá pelas onze, o trem parava meia hora na estação de Andrelândia. Era o lugar do almoço, o restaurante, a cem metros da estação; era uma grande sala, uma mesa comprida com bancos de madeira dos dois lados; na parede dos fundos estava pintada uma pauta musical com três notas. Quem sabia música, eu sabia, compreendia o que as notas diziam lá, ré, dó, que juntas cantavam Laredo, que era o nome do dono, um italiano que em outros tempos tivera a esperança de ser músico. Fracassado nos palcos da Itália, passou a ganhar a vida vendendo comida numa parada de trem em Minas, o que era bom, porque seu restaurante era o único, não havia concorrência. Primeiro vinha uma sopa fervente que queimava a língua. Enquanto se lutava com a quentura da sopa por meio de assopros e chupadas dolorosas, o tempo ia passando. Terminada a sopa, a boca queimada, já estava quase na hora de o trem partir, era pouco o tempo que sobrava. E assim o Laredo economizava no arroz, no feijão, na carne, nas batatas, que ficavam para o dia seguinte. O maquinista e o foguista, sabedores da esperteza do Laredo, iam direto para o mais substancioso e deixavam a sopa para o final, se desse tempo, antes que o chefe da estação tocasse o sino anunciando que o trem partiria em dez minutos. A viagem prosseguia serra acima, vinha a tristeza do fim de tarde. Por que será que todo fim de tarde é triste? Acho que é porque crepúsculo é despedida. Existe um verso de Rilke que diz: “Quem assim nos fascinou para que tivéssemos um olhar de despedida em tudo o que fazemos?”. Com um olhar de despedida, a beleza fica mais triste. Até o voo dos pássaros fica di-

ferente. Foi num crepúsculo que Albert Camus percebeu que o voo dos pássaros pela manhã é diferente do voo dos pássaros ao cair da noite. De manhã, eles voam sem destino, em todas as direções. Ao cair da noite, voam em linha reta, voltando para casa. Tinha uma tristeza dentro de mim. Acho que eram minhas raízes que doíam, arrancadas do chão que era sua casa, para nunca mais...

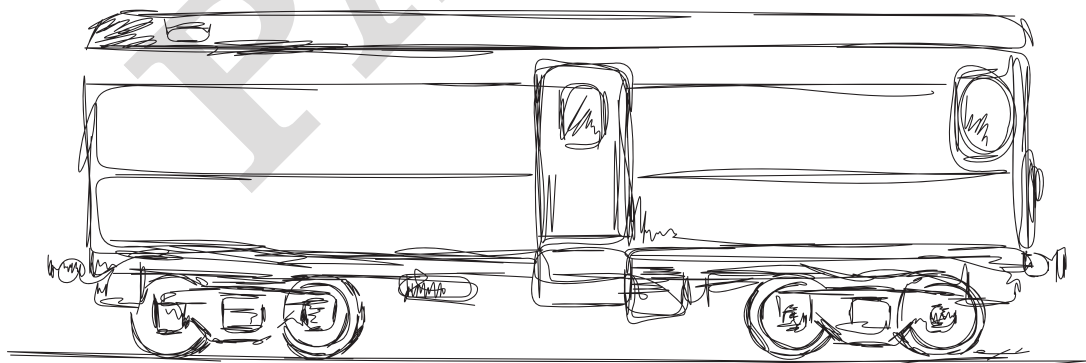
Já era noite fechada quando o trem chegou. Ainda não era o destino. Barra Mansa era lugar de pernoite. Mas já tinha coisa de cidade grande e nela já se viam algumas amostras das maravilhas que me aguardavam na capital: as luzes de néon que acendiam e apagavam e o elevador de porta pantográfica que nos levou ao quarto no segundo andar do hotel. Mas não pudemos dormir, porque a gritaria na praça varou a noite, e também por causa dos pernalongos.

Dia seguinte, seis da manhã, o resto da viagem. À nossa frente na fila do guichê de passagens, havia uma moça bonita, de quadris redondos. Meu corpo se moveu sem saber por quê. Devaneei que viajaríamos juntos. Meu pai e minha mãe num banco. Eu e ela num outro. “Primeira classe para o Rio”, ela disse. Aí veio a nossa vez, meu pai pedindo as passagens. “Duas e meia de segunda classe...” Estremeci. Eu não viajaria no vagão da moça de quadris redondos. Eu nunca havia viajado de segunda classe. Minha mãe de sangue azul, meu pai rico e eu em vagão de gente da prateleira de baixo? Duvidei então das vantagens que meu pai tinha contado. Descri da riqueza da casa do Rio. Compreendi que aquele trem me levava para um outro mundo: em Minas, eu viajava de primeira classe; no Rio, eu viajaria de segunda classe.

Desde então, nunca mais acreditei nele. Ele acreditava nas estórias que ele mesmo inventava, lindas teias de aranha soltas

no ar, sem que estivessem ancoradas em coisa alguma. Vinha o vento e as levava. Aí ele fazia outra teia...

Inventava estórias para distribuir felicidade. Teria sido um grande escritor. É possível que estivesse certo. Para que servir a infelicidade antes da hora? Antes da hora, quando se mora na fantasia, é a hora certa para se servir a alegria... Mas chega a hora da verdade. Quando já estava velho, remando a canoa para a terceira margem do rio, ele se lamentava, falando consigo mesmo, grandes olhos de olhar perdido: “Fiz tudo errado, fiz tudo errado”.



A CAPITAL

Chegamos. Meus olhos se arregalaram. Estação da Central do Brasil? Uma catedral imensa, uma abóbada que eu nunca imaginara que pudesse existir. E uma torre altíssima, com um relógio lá em cima. Pra que aquele relógio? Porque, na cidade grande, os minutos e os segundos fazem diferença. Na cidade pequena, é o corpo que dá as horas. Na cidade grande, é uma máquina que dá as horas. Lá o corpo vira máquina.

Hoje as estradas de ferro foram entregues ao abandono, justo as estradas de ferro, transporte de pobre. Em Porto Velho, fui visitar o que resta daquilo que foi a Madeira-Mamoré. Tudo abandonado. As máquinas entregues à ferrugem. O capim cresce viçoso. O prédio onde foi a estação se encontra num alto cheio de árvores. De lá se vê o rio. Agora está ocupado por vários botequins contíguos, cada um com o seu aparelho de som ligado; quem tocar mais alto ganha. É um inferno. Ribeirão Vermelho, que foi centro vital da Rede Mineira de Viação, teve destino semelhante. Quem quiser, pode ir lá ver. A oito quilômetros de Lavras. Porto do Rio Grande. Caminhei pelas ruínas. As oficinas têm o formato de um grande estádio de futebol redondo. O mato tomou conta de tudo. Lá eu vi coisa que nunca

imaginara: vagão para transportar defuntos. Ricamente decorado em preto e dourado. No meio, o lugar para o caixão. Em volta, lugar para os chorantes. Ainda havia velas derretidas nos castiçais. Em Rio Branco, sugeri que os professores da universidade deixassem de lado, por um fim de semana, suas teses – é pouco provável que qualquer pessoa da cidade vá lê-las, muito menos entendê-las –, calçassem Havaianas e passassem um dia cuidando do abandono, arrancando o capim, tirando ferrugem das máquinas, pintando o que precisava ser pintado. Acho que trabalho braçal faz bem à cabeça.

Com o abandono das estradas de ferro, é até possível que uma dessas religiões que carregam dinheiro em malas venha a comprar aquela estação que se parece com igreja.

Tomamos o ônibus 12, apelidado de Camões, por ser cego de um olho. Meu pai fazia às vezes de guia turístico e ia anunciando: avenida Presidente Vargas, avenida Rio Branco, Teatro Municipal, Cinelândia, Senado, o mar azul, Hotel Glória, os bondes não precisavam ser anunciados, o palácio do Catete onde morava Getúlio Vargas, a praia de Botafogo, o ônibus parou, a cobradora anunciou “Mourisco”, era o ponto final, todo mundo desceu, lá fomos a pé pela rua da Passagem, carregando as malas até o número 35, nossa casa com campainha, jardim, tacos encerados e telefone que funcionava sem telefonista, era só enfiar o dedo no buraco do disco e discar; 269963 era o número do nosso telefone.

Tinha campainha, taco encerado e jardim. Mas não era a casa que eu construía com as palavras do meu pai. Era parede-meia com uma agência funerária. Quatro janelas rentes à rua. Ao lado direito, uma tripa de terra onde cresciam três moitas de palmeiras areca, um alpendre comprido, a porta de entrada da sala com um vidro quebrado que não era consertado porque por

ele se passava a mão para abrir o trinco do lado de dentro. De noite, fomos ver o mar. Ele estava perto. Era uma caminhada de duzentos metros até a amurada de pedra, fim da praia de Botafogo. Debruçado na amurada, fiquei a ver o mar escuro, onde se refletia um luminoso de gás néon que apagava e acendia.

Aos poucos, a casa foi revelando seus mistérios. Na casa de Minas havia os escorpiões com os quais convivíamos pacificamente. Eles andavam devagar e só apareciam raramente quando acicatados pelas formigas. O maior número registrado foi onze, que matamos e guardamos num vidro com álcool. No 35 não havia escorpiões. Antes houvesse. Em vez de escorpiões, baratas. De noite, toda noite, o chão da copa se cobria com centenas de rápidas baratas com antenas que se moviam excitadas. Não picavam. Era o nojo, a melega cor de pus que saía delas quando pisadas. E havia o perigo de que subissem pelas pernas. As mulheres gritavam ao vê-las, por medo de que subissem pernas acima até lugares proibidos. O que fazer? Quando a barata é uma só, a gente mata. Quando as baratas são centenas, não adianta matar. Qual a vantagem de matar dez baratas? Não faz a menor diferença. Só emporcalha o chão e depois é nojento limpar. Muito mais simples é espantar. E era o que se fazia. A gente batia o pé no chão pra que elas abrissem alas e nos deixassem passar.

Faltava água. O problema era geral. Havia até uma quadrinha que se cantava: “Rio de Janeiro, cidade que me seduz. De dia falta água, de noite falta luz”. Primeira lição que se aprende na cidade grande: água é coisa rara. É preciso economizar. Até hoje não aguento uma torneira pingando. Até mesmo em Pócinhos do Rio Verde, onde a água vem direto da mina que verte água sem parar, fecho rápido a torneira. Situação de calamidade pública, antecipação de um apocalipse, quando a água vier a

faltar no mundo. Dizem que haverá guerras pela água. A gravidade da crise da água só pode ser avaliada pelo decreto que meu pai baixou, escreveu e pregou na porta da única privada da casa: “Só dê descarga depois que a privada estiver cheia”.

A rua da Passagem era a rua da passagem, um estreito corredor por onde se espremia o tráfego que ia do centro da cidade para a Urca, Leme, Copacabana, Ipanema, bondes, ônibus, lotações, caminhões, carros, carroças empurradas por portugueses em camiseta, o suor pingando do sovaco.

Lá em Minas, os meninos afirmavam: “De noite eles soltam a bicharada...”. Nunca perguntei quem eram “eles”, nem “quem”, nem “quando” a bicharada era solta e recolhida, nem “onde” ficava durante dia. No Rio, aprendi que a bicharada ficava solta dia e noite. E não era preciso que alguém a soltasse, porque os bichos de ferro ficavam soltos sempre e não havia ninguém que pudesse prendê-los. Os bichos roncavam, rugiam, apitavam, guinchavam na rua. Da cama, eu os ouvia. A princípio não me deixavam dormir. Depois me acostumei. A gente se acostuma com tudo. Até com o fedor. Gente que mora perto de curtumes não sente a fedentina. Desaprendi o silêncio e aprendi o barulho. Acostumei-me e passei a precisar dos seus sons para poder dormir. Depois de algum tempo, é o silêncio que tira o sono. Porque no silêncio, quando não há bichos soltos do lado de fora, os bichos que moram dentro começam a uivar. O bom do barulho da cidade é que ele abafa os barulhos dos bichos da alma.

COINCIDÊNCIA?

Disse a Adélia Prado que, medo, ela tinha era de não ter mistério. Mas, naqueles tempos, eu achava a poesia uma bobagem muito grande. Assim, nunca vi o mistério que morava na nossa casa, rua da Passagem, 35. Pode o mistério morar vizinho de uma agência funerária? Do lado esquerdo estava uma oficina de consertar bonecas, que nunca me comoveu. Menino não se comove com bonecas. Ignorando tudo, eu não sabia que uma coisa poética acontecia feito uma teia de aranha invisível, me ligando ao outro lado da rua. Só vim a saber e sentir cinquenta anos depois.

Sem juízo, possuído pelo espírito do meu pai, que tomava os sonhos como se fossem realidade, sonhei e fiz: tornei-me dono de um restaurante muitos anos depois, o Dalí. O Guido era freguês constante. Dividíamos o mesmo gosto: uísque e camarão. Aí o câncer o pegou.

O Guido era dois anos mais moço que eu. Uma noite, no restaurante, assentados debaixo da *A última ceia*, do Salvador Dalí, eucaristicamente bebendo uísque e comendo camarão – o Guido já tinha um olhar de despedida –, quis saber dos seus caminhos. “Guido, onde foi que você passou sua juventude?”

“No Rio de Janeiro”, ele respondeu.

Uma pequena coincidência. Ele poderia ter passado a juventude em tantas outras cidades... Mas não. Ele a passara no Rio. Eu também.

“Em que bairro você morou?”

“Em Botafogo”, ele respondeu.

A coincidência ficou maior. Porque há tantos bairros no Rio: Copacabana, Grajaú, Bonsucesso, São Cristóvão... E eu também morara em Botafogo. Comecei a ficar intrigado. Será que a coincidência iria prosseguir? Não, não seria possível. Há tantas ruas em Botafogo.

“Em que rua era a sua casa?”, continuei.

“Rua da Passagem...”, ele disse.

Não, não era possível. Era coincidência demais. Mas faltava ainda a última coincidência.

“Qual era o número da sua casa?”

“O número da minha casa? Era o 34...”

O número da minha casa era 35.

Coincidência é acontecer quando o impossível acontece junto sem haver razões. Mas muitos dizem que há razões por detrás das sem-razões da coincidência. É o caso de Arthur Koestler, que escreveu o livro *As razões da coincidência*. Jung, no seu prefácio ao *I Ching*, diz a mesma coisa. Como se a vida fosse um bordado em que as cores saltam, formando padrões de beleza no lado direito. Mas as razões da beleza se encontram no avesso, no confuso traçar das linhas... Como é que, vivendo tão próximos na juventude, no mesmo tempo, no mesmo lugar, nunca nos tivéssemos conhecido? É que o número 34 ficava do outro lado da rua da Passagem. E a rua era um rio profundo onde nadavam muitos monstros. Quem morava numa margem não se comunicava com quem morava na outra.

Como entender que o fio do Guido, saindo do 34, e o meu fio, saindo do 35, pelo avesso, tivessem saído juntos no mesmo lugar do lado direito, cinquenta anos depois? Quando se diz “coincidência”, a gente está dizendo “mistério”...

O Guido ficou encantado. Plantei para ele, no meu sítio em Pocinhos do Rio Verde, um ipê branco. Já é uma árvore grande que floresce quando o tempo chega.

